



Gabriela Pecantet Siqueira

# A estação Peñón Viejo

## e as trajetórias que desenham a Cidade do México

1. Estação Peñón Viejo

A Cidade do México, MX, é uma megalópole com mais de 20 milhões de habitantes. Uma cidade constituída por um intenso movimento, de vai e vens constantes de pessoas que se deslocam a pé, de motocicleta, de ônibus, de carro, de kombi, de metrobus, de metrô, e tantos outros meios de transporte. Vivi nessa cidade por 38 dias — de 17 de julho a 24 de agosto de 2019 —, e a forma com que mais me desloquei foi de metrô.

No curto trecho que eu fazia a pé, de segunda a sexta-feira, de onde morava até a estação mais próxima, observava as várias pessoas que passavam por mim, se deslocando na mesma direção, rumo à estação Peñón Viejo. Ao dobrar na rua Marcos López Jiménez, em meio às barracas de venda de comida de rua montadas, algumas ainda sendo

erguidas, enxergava ao longe a estação, as escadas de metal amarelas, a ponte que sobrepunha a Autopista México-Puebla, a placa com um *peñón*.

A estação Peñón Viejo tem como ícone um *peñón*, que representa o Cerro de la Ciudad do México. Nos tempos pré-hispânicos, ela foi uma ilha do lago de Texcoco, chamada Tepepolco, e Moctezuma Xocoyotzin, imperador asteca, a usava como local de descanso. No entanto, na época colonial mudou de nome. Em 1521, durante o cerco de Tenochtitlán, Hernán Cortés, conquistador espanhol, instalou sua sede ali, antes de seguir para Coyoacán, e o local recebeu o nome de Peñón del Marqués. Esse *peñón* marcava o limite urbano da Cidade do México, mas, na década de 1970, formou parte da área urbana e atualmente se chama Cerro

**Gabriela Pecantet Siqueira**

é mestrande em Sociologia, bacharela em Direito e graduanda em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES.

[gabrielapecantet@gmail.com](mailto:gabrielapecantet@gmail.com)

del Peñón Viejo.

As tramas urbanas da Cidade do México são tecidas unindo passado e presente com movimentos citadinos. As trajetórias que partem da estação Peñón Viejo formam movimentos que fazem-cidade (AGIER, 2015) e constroem cartografias por meio do metrô na cidade. São milhares de pessoas que atribuem sentidos à urbe, onde, para cada indivíduo, existe “uma cidade que é uma paisagem urbanizada de seus sentimentos” (MONTERO, 1972, p. 71). Nesse sentido, conforme Néstor García Canclini (2008), as cidades não existem apenas como ocupações de um território, com a construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes, mas se formam, sobretudo as megalópoles, pela tensão entre o que são e o que queremos que elas sejam.

Este ensaio fotográfico apresenta fragmentos das minhas trajetórias cotidianas por meio do metrô, na Cidade do México, a partir da estação Peñón Viejo. A fotografia foi utilizada como forma de fazer antropologia, visto que o fotografar nos ensina a sermos vigilantes e a cultivar uma observação paciente, a criar estratégias de aproximação com o objeto, é uma técnica na qual a câmara possui uma dupla ca-

pacidade de subjetivar e objetivar a realidade (LEAL, 1986 *apud* ACHUTTI, 1997). Assim, nestes registros, busquei capturar um pouco das dinâmicas que envolvem andar de metrô: a espera, a chegada e a partida.

## REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.
- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o Antropólogo, a margem e o centro. **Revista Mana**. Rio de Janeiro. v. 21, n. 3, p. 483-498, dez. 2015.
- CANCLINI, Néstor García. Imaginários culturais da cidade: informação, espetáculo, desconhecimento. In: Teixeira Coelho (org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo, Iluminuras. Itaú Cultural, 2008.
- MONTERO, Luis Garcíá. **Luna en el sur**. Sevilla: Editorial Renacimiento, 1972. ■

2. A espera I



3. A chegada



4. A espera II



5. A partida



6. A corrida >



7. A espera III



8. Pausa I



9. Pausa II



10. Pausa III

